

A FIGURA MÍTICA DE LAMPIÃO: CONSTRUÇÃO E VEICULAÇÃO DE MEMÓRIAS¹

Geralda de Oliveira Santos Lima

Professora Associada da Universidade Federal de Sergipe – UFS
Doutora em Linguística pela universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

E-mail: geraldalima.ufs@gmail.com

Resumo

Neste artigo, tendo como pressuposto teórico a ideia de que as atividades de referenciação são processos de discursivização desenvolvidos pelos sujeitos nas suas práticas sociais e, também, pelo entendimento de que o entrecruzamento de aspectos culturais e cognitivos possibilita o processo de rememoração, objetivamos focar nossa análise em textos que recategorizam discursivamente a figura mítica de Lampião a partir de uma multiplicidade de informações e de pontos de vista. Como resultado, afirmamos que a instabilidade dos objetos de discurso cristaliza o fenômeno do cangaço e delinea um fluxo de atividades anafóricas muito ambíguo.

Palavras-chave: figura mítica de Lampião; construção de memórias; processos referenciais.

¹ Os exemplos aqui utilizados foram retirados do *corpus* da nossa pesquisa “O rei do cangaço, o governador do sertão; o bandido ousado do sertão, o cangaceiro malvado: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre Lampião” apresentada, em 2008, ao Doutorado em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas – Unicamp.

THE MYTHICAL FIGURE OF LAMPIÃO: CONSTRUCTION AND VEHICULATION OF MEMORIES

Geralda de Oliveira Santos Lima

Professora Associada da Universidade Federal de Sergipe – UFS
Doutora em Linguística pela universidade Estadual de Campinas – UNICAMP

E-mail: geraldalima.ufs@gmail.com

Abstract

In this article, having as theoretical assumption the view that the referential activities are discursivization processes developed by the subjects in their social practices and, also, by understanding that the intertwined of cultural and cognitive aspects enables the process of recollection, we aim at focusing our analysis on texts that recategorize discursively the mythical figure of Lampião from a multiplicity of information and points of view. As a result, we affirm that the instability of the objects of discourse crystallizes the phenomenon of banditry and delineates a very ambiguous flow of anaphoric activities.

Keywords: mythical figure of Lampião; construction of memory; referential processes.

A rememoração de alguns fatos que retratam a saga de Lampião, a construção e veiculação de memórias a seu respeito, entendida à luz de uma articulação entre teorias sociais, linguísticas, cognitivas, históricas, culturais, desenvolvemos este trabalho.

Na segunda metade do século XIX, mais precisamente, o que se via na vida social do sertanejo do Nordeste do Brasil era a criminalização do viver pelas armas, nos planos jurídico, histórico, sociológico e econômico. Data daí o uso das expressões linguísticas “cangaço” e “cangaceiro”, tempo em que a lei e as autoridades não eram respeitadas nas terras do sertão do Brasil. Tempo esse em que a guerra e a vingança privadas eram práticas sociais importantes de uma ordem um tanto bárbara, tendo o cangaço se tornado uma forma de vida criminal orgulhosa, ostensiva, escancarada. Dessa forma, a criminalidade (MELLO, 2004) deve ser vista, antes de tudo, como geradora de uma subcultura dentro da cultura sertaneja. A quantidade de informações sobre os universos social, discursivo e interacional do cangaço permite aos estudiosos do fenômeno elucidar e reconstruir histórias bastante relevantes sobre atitudes e ações, entre tantos outros aspectos, da vida dos cangaceiros e, especialmente, da entidade Lampião.

Partindo dessa contextualização, o presente trabalho traz informações por meio de depoimentos que vão reativar os estudos sobre Lampião que não só ocupa um lugar central na história do cangaço, como também serve de fio condutor para abordar o panorama dessa época. A partir de escolhas significativas os sujeitos pesquisados em interação constroem e reconstróem discursivamente a figura mítica desse personagem, ora dizendo ser *herói, inteligente, guerreiro dos sertões, ora malvado, vingativo, mau*.

Diante disso, entendemos que, na tradição oral, em que a construção e veiculação de memórias se realizam com maior intensidade, os fatos culturais e/ou históricos se manifestam de forma mais expressiva e direta do que na modalidade escrita. Eles se infiltram na consciência de dado grupo social e a partir dela esses fatos se reordenam ou se reelaboram no imaginário social. Essas práticas orais de linguagem se constituem em *locus* privilegiado para a observação do fenômeno da construção conjunta da memória coletiva e/ou discursiva, por parte dos falantes, de uma determinada comunidade linguística. Isso se deve à natureza do processo de construção do texto falado em que as atividades de verbalização e interação ocorrem simultaneamente.

As práticas sociodiscursivas aparecem, portanto, como uma possibilidade de inserir a memória como fonte de trabalho de investigação do linguista. Para tanto, propomos uma interface com teorias sociais, históricas, e cognitivas, lançando mão, sobretudo, do aporte da teoria dos modelos mentais (VAN DIJK, 2004). Este nosso texto tem como proposta trazer algumas reflexões e discussões sobre a rememoração de histórias contadas e recontadas, na atualidade, por moradores da região do Alto Sertão de Sergipe, sobre o cangaceiro Lampião e, também, temos como objetivo focar nossa análise em textos que recategorizam discursivamente a figura mítica de Lampião a partir de uma multiplicidade de informações e de pontos de vista. O ponto de partida de nossas reflexões e/ou discussões são os estudos de Halbwachs (1990), Bergson (1999), Sternberg (2008), Van Dijk (2004), Koch e Cunha Lima (2005), Lima (2008), Mondada e Dubois (2003), Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995), Cavalcante (2003), entre outros. Tendo como hipótese o fato de que as atividades discursivas, desenvolvidas pelo sujeito enunciativo nas suas práticas sociointeracionais, possibilitam a reconstrução de acontecimentos de todo um passado armazenado na memória social de uma dada comunidade, além de condensar informações importantes sobre opiniões, crenças e atitudes que o vão auxiliar na construção dos sentidos.

Na fundamentação teórica, trouxemos uma breve apresentação sobre embates de memórias sociais focada na prática de recontar histórias, na medida em que *recontar* pressupõe a remissão a um texto, a uma situação, ou mesmo a um acontecimento já existente, tendo como *objeto de discurso*² (MONDADA; DUBOIS, 2003) o cangaceiro Lampião. Para isso, selecionamos alguns fragmentos de textos/discursos (depoimentos) extraídos de um *corpus* constituído por pessoas que foram entrevistadas para a realização de uma pesquisa desenvolvida por Lima (2008). Fatos esses já cristalizados na memória discursiva de homens, mulheres e crianças da região. Isto é, esses episódios se encontram enraizados, armazenados na memória coletiva da comunidade. Isso pode ser evidenciado nas análises que desenvolvemos a partir dos exemplos aqui elencados, com os quais, procuramos mostrar como esquemas coerentes de produção e de interpretação dos fatos se entrecruzam no interior das histórias recontadas pelos

² São representações semióticas instáveis, constantemente reformuláveis. São referentes, entidades que construímos e reconstruímos em nossa mente, em contínuo processo de reelaboração em todo contexto enunciativo. O processo de referenciação diz respeito a (re)elaboração de objetos de discurso (ou referentes, entidades). Por exemplo, a entidade “Lampião” é um objeto de discurso ou referente que opera cognitivamente na construção ou manutenção da coerência textual por meio do uso de expressões referenciais (“o rei do cangaço”, “um estrategista”). Essa é a forma mais evidente, mas não a única.

cidadãos do sertão sergipano. A partir dessas histórias, eles projetam e realizam suas vidas. Rememoram os acontecimentos passados, imagens míticas de entidades da nossa história.

Apresentação de fatos que retratam a saga de Lampião

Na região do Alto Sertão, em Sergipe, vamos encontrar o município de Poço Redondo. Esta cidade tem sua trajetória sócio-histórica marcada por conta da intensa presença do bando de Lampião nessa localidade. Vejamos como Costa (1994) relata a entrada do *herói do cangaço*, pela primeira vez, nesse pequeno espaço geográfico.

O lugarzinho está adormecido. No primeiro raiar do dia, as mulheres estão despertas, vão para o jacaré apanhar água. Não sabe aquela gente que o dia 19 será um dia histórico na vida de Poço Redondo e, por que não dizer, de Sergipe? Pois foi nesse dia que o chão sergipano viu pela primeira vez as alpercatas do cangaço ferir a sua terra. [...] Com efeito, naquele dia 19 de abril de 1928, a velha e pequena igreja, assentada no lado esquerdo das poucas casas da pracinha, recebe o famigerado pernambucano, tornando aquela data e aquele dia um acontecimento histórico da era cangaceira no Estado de Sergipe (COSTA, 1994, p.39).

Esses sertanejos de vida tranquila, em consonância com o autor, escondidos nas distâncias do sertão sergipano, jamais poderiam imaginar que o rei do cangaço estava, àquela época, a caminho de Sergipe e vindo, justamente, para as caatingas e cerrados desse município. Da mesma forma, um dos entrevistados da nossa pesquisa, ao se referir à chegada de Lampião nesse *lugarzinho*, reporta-se, nos mínimos detalhes, aos acontecimentos ali vivenciados. Para ele, tudo está guardado, cristalizado na memória dessa gente como se fosse ontem. Vejamos como se posiciona diante de tais fatos:

(1) Aqui no Poço [cidade de Poço Redondo], Lampião entrou em 1928 quando tinha uma festinha de Nossa Senhora da Conceição. *Ali bem no centro da pracinha da Igreja Matriz*. É o que conta ainda hoje o pessoal mais velho. Essas pessoas não esquecem aqueles acontecimentos vividos aqui naquele dia que marcou a história do Poço. Bem ali na pracinha tinha uma venda de Teotônio de China e foi bem ali aonde ele chegou. O pessoal se assustou, aí, Lampião desce do

cavalo numa calma e diz: *eu vim na paz, eu vim só dormir na casa de Teotônio de China*. Os mais velhos contam que aquela paz e aquele sossego que existia aqui no Poço, nesse dia, desapareceram.

Para Halbwachs (1990) é, sobretudo, nas lembranças das pessoas mais idosas que se pode verificar uma história social bem definida, na medida em que elas já vivenciaram e/ou experimentaram determinados tipos de acontecimentos com características bem marcadas e conhecidas, enfim, a memória atual dessas pessoas pode ser desenvolvida sobre um pano de fundo definido. Sendo assim, não é difícil identificar no comentário do pesquisado a referência a uma memória coletiva (ou social) que se estabelece em torno dos acontecimentos vivenciados com a chegada de Lampião à cidade, como podemos ver neste fragmento: *essas pessoas não esquecem aqueles acontecimentos vividos aqui naquele dia que marcou a história do Poço* [Redondo].

Mais que uma lembrança, esse evento torna Poço Redondo um local de construção e veiculação de memórias. Além disso, a reconstrução de fatos históricos alusivos à primeira vez em que Lampião entrou nessa cidade inclui não apenas a descrição do local (*a pracinha da Igreja Matriz*), mas também detalha que exatamente naquele dia estava acontecendo uma festa da padroeira da cidade. A rememoração desse cidadão inclui, também, uma fala atribuída a Lampião: *eu vim na paz, eu vim só dormir na casa de Teotônio de China*. O uso do discurso direto para formatar a fala de Lampião, a avaliação feita no meio do depoimento (*Essas pessoas não esquecem aqueles acontecimentos vividos aqui naquele dia que marcou a história do Poço*) e o uso do discurso indireto para produzir um fechamento para este episódio (*Os mais velhos contam que aquela paz e aquele sossego que existia aqui no Poço, nesse dia, desapareceram*) mostram que o enunciador é um mediador de várias memórias ao articular discursos de outrem que rememoram o passado para construir o seu próprio discurso de rememoração de um dado *objeto de discurso* (MONDADA; DUBOIS, 2003) e dos fatos e/ou acontecimentos.

De acordo com Halbwachs (1990), para que se atinja a realidade histórica é preciso que o indivíduo saia de si mesmo e se coloque conforme o ponto de vista do grupo social em que está inserido, para que possa ver, com mais detalhe, como os acontecimentos marcam uma data, marcam um momento. Isso por que penetrou num círculo das preocupações e dos interesses coletivos. “A história não é todo o passado, mas também

não é tudo aquilo que resta do passado” (HALBWACHS, 1990, p.67). Para o sociólogo, ao lado de uma história escrita, há uma história viva que se perpetua ou se renova através do tempo, em que é possível encontrar um grande número dessas histórias que podem ser contadas e recontadas, visto que recontar pressupõe a remissão e/ou recategorização a um texto/discurso (uma situação, um evento) já existente.

Como sabemos, o processo comunicativo demanda a ativação e a reativação de conhecimentos adquiridos por meio de outros discursos e de outras situações experimentadas. Acontecimentos anteriores (passados) potencializam o surgimento de outros textos/discursos (presentes), de outros pontos de vista quer imediato quer mais distante. A recategorização desses fatos passados se opera na memória do indivíduo que reconta como outros sujeitos fizeram e continuam fazendo parte de uma mesma sociedade em cuja memória as lembranças se cristalizaram.

Para isso, não basta que outros indivíduos do grupo lhe tragam seus depoimentos, contem suas histórias, é preciso, também, que sua memória não tenha cessado de concordar com as memórias dos outros, e que haja bastantes pontos de contato entre uma e outra(s) para que as lembranças recordadas possam ser reconstituídas discursivamente sobre um fundamento comum. Podemos verificar isso nas palavras de Halbwachs (1990, p.78), ao postular que “a memória dos outros contribui para reforçar e completar a nossa”.

O simples fato de lembrar o passado no presente exclui a identidade entre as imagens de um e de outro e propõe a sua diferença em termos de ponto de vista. A menor alteração do ambiente atinge a qualidade íntima da memória. Por essa via, Halbwachs (1990) amarra a memória da pessoa à memória do grupo; e esta última à esfera maior da tradição, que é a memória social (ou coletiva) de cada sociedade. Por isso, ele postula que é preciso que se valorize o universo em que o indivíduo se desloca fisicamente ou no pensamento. A sucessão de lembranças, mesmo daquelas que são mais pessoais, explica-se, sobretudo, pelas mudanças que se produzem em nossas relações com os diversos contextos (social, linguístico, cognitivo, cultural, histórico, interacional), isto é, pelas transformações desses universos, de forma conjunta, compartilhada.

Segundo a postulação desse sociólogo, há dois tipos de memórias: uma interior e outra exterior, ou então, uma pessoal (autobiográfica) e outra social (histórica). A memória

pessoal se apoia na memória social, pois toda história da vida do homem faz parte da história, em geral, da sociedade, embora a memória histórica, mesmo sendo bem mais ampla que a pessoal, não representa o passado do indivíduo senão sob uma forma resumida, encapsulada (CONTE, 2003) e esquemática, enquanto a memória de vida do indivíduo apresenta um quadro bem mais contínuo e mais denso. A título de ilustração, podemos ver agora parte de uma história, envolvendo ações mais fortes da passagem dos cangaceiros nessa região que marcaram e, ainda, marcam a memória do povo do sertão de Sergipe. Estamos nos referindo à batalha de Maranduba em 1932. Marcas estas materializadas, cristalizadas na memória (e/ou memórias) desses cidadãos, as quais podem ser confirmadas por meio deste recorte extraído do texto reconstruído na entrevista concedida por um dos entrevistados. Vejamos o que ele fala a respeito do confronto:

(2) Estão frente a frente os inimigos mortais: Nazarenos e Lampião. E é Lampião quem dá o grito de guerra: “cuidado meninos, os macacos cercaram a gente”! Para os homens da volante a vitória parecia certa, mas a situação era inversa. Do outro lado, estava o herói, o titã, o guerreiro dos sertões. Numa manobra inteligente e envolvente o rei do cangaço deixa os atacantes sem saber como e por onde dirigir o combate [...] o domínio da situação pertencia a Lampião. *Nesse momento, não tinha nada comparado à violência e aos estrondos do tiroteio.* Os tiros ecoavam longe, muito longe, parecia que o inferno tinha desabado e se transportado para aquela esturricada terra. [...] a Batalha de Maranduba foi e continua sendo um dos maiores pesadelos da história do povo do sertão sergipano. [...] Esse combate nunca vai ser esquecido porque está gravado na história do cangaço nordestino.

O enunciador, nesse trecho de seu depoimento, (re)nomeia diretamente os dois lados do conflito, *Nazarenos e Lampião* e, em seguida, traz uma fala de Lampião por meio do discurso direto: *cuidado meninos, os macacos cercaram a gente!* É interessante pensar que as falas atribuídas a Lampião podem ser consideradas como pontos de cristalização que contribuem para a estabilização das várias lembranças de um mesmo acontecimento. O próprio episódio da Batalha de Maranduba é, de fato, lembrado, recontado, em várias entrevistas de nosso *corpus*. Isso mostra que o pesquisado retém na sua memória lembranças que ainda continuam vivas na consciência de vários grupos sociais, ou seja, são recordações vivas tanto para o falante como para a comunidade

(Halbwachs, 1990). Tanto em (1) como em (2), seus enunciadores procuram reproduzir uma formulação detalhada do contexto quando falam, respectivamente, *ali... bem no centro da pracinha da Igreja Matriz* ou *nesse momento não tinha nada comparado à violência e aos estrondos do tiroteio. Os tiros ecoavam longe, muito longe... Parecia que o inferno tinha se transportado para aquela esturricada terra.*

Esse processo de contextualização ou de discursivização também contribui para a estabilização dos acontecimentos tanto na memória dos sujeitos que produzem as formulações, como na memória social daqueles que formam o(s) grupo(s). A maneira como se deram as reconstruções discursivas dessas lembranças mostra por meio da interpretação do sujeito enunciator (o que conta ou reconta) que os fatos históricos continuam presentes não só na sua memória (do falante), mas também na memória social (coletiva), na vida das pessoas comuns, ou na memória vivida em torno da história do lugar. Por outro lado, também, mostra que essa memória é reativada, mantida, e modificada sociocognitivamente. Por exemplo, esse sujeito da pesquisa relata, descreve, analisa e, ao mesmo tempo, interpreta os fatos da Batalha de Maranduba, ao recriar a situação sociodiscursiva. As entidades, Nazarenos e Lampião, são categorizadas/ recategorizadas e modificadas continuamente por meio de expressões nominais como *os macacos*, *os homens da volante*, *os atacantes*, de um lado; e, de outro, *o herói*, *o titã*, *o guerreiro dos sertões*, *o rei do cangaço*. Portanto, o enunciator constrói e reconstrói, a partir de sintagmas nominais coerentes, toda uma memória em torno da figura mítica de Lampião.

É, pois, na memória do enunciator que se encontra essa riqueza cultural, em que a história aparece intimamente ligada à memória social, na medida em que há uma continuidade entre as recordações, os acontecimentos do passado e o presente da vida da comunidade em relação a esse universo discursivo. Os trechos acima mostram como o passado é recategorizado no presente por intermédio do uso da memória, em suas múltiplas funções culturais, políticas, sociais e discursivas. Outra imagem que ainda está viva, muito presente, na consciência do povo da região do sertão é a da morte de Lampião. Esse episódio se encontra enraizado na memória da comunidade, o que pode ser evidenciado nos fragmentos abaixo, retirados de histórias vivenciadas já materializadas, cristalizadas no discurso de homens, mulheres e crianças da região.

(3) No tempo de Lampião, eu era mocinha, muito nova e eu não tinha medo deles, porque Lampião chegava lá em casa e eles não judiavam ninguém. Mais o povo [...] sabe como é! Conta muitos causos por aí de Lampião e sua gente. Um dos causos é o da morte desse cangaceiro ali no Poço Redondo na Gruta do Angico onde ele morreu, não, onde a volante acabou com a vida dele. Esse acontecimento foi triste porque mataram o homem bem aqui no Estado de Sergipe. Isso não dar pra esquecer não, e todo ano no dia da morte dele sempre tem alguma coisa lá no lugar e muita gente vai até daqui [...], porque o povo tem muito respeito por Lampião. Um cara muito valente, muito corajoso [...]. Eu era menina naquele tempo mais eu me recordo. Mais uma coisa é certa, só mataram ele porque ele foi traído num emboscada [...]. Porque ele não pode se defender dos macacos, era assim como ele chamava a polícia. E dessa vez a volante foi mais esperta.

(4) Lampião não se entregava a ninguém, o futuro dele era morrer. Ainda se conta que teve policiais que botaram veneno na bebida dele. Esse mesmo coronel mandou dizer a ele que não estava com raiva dele não e que ia mandar um vinho pra ele, só que a garrafa não ficou bem tampada e que o vinho era pra ele tomar e o bandido tomou não lhe deu dor de barriga, mas deu pra dormir, então a volante pegou o chefe dos bandidos de surpresa lá na Gruta do Angico. Ali no município do Poço, aí, então, acabou com ele e seu bando. Foi uma desgraça, uma tragédia aquilo. Sabe moça, eu nem gosto de me lembrar da maneira que ele morreu. Lampião era malvado, né? Mais não precisava acabar com aqueles cangaceiros daquele jeito, não.

(5) Da morte de Lampião na Gruta do Angico pelo capitão Luiz Bezerra que comandava a volante que acabou com Lampião mais os outros que estavam com ele lá, o povo do sertão, ainda, se lembra bem, e eu acho que vai ser muito difícil de esquecer, sabe? Quem é que nunca ouviu falar de Lampião? Do modo como acabaram com ele? Sempre tem gente interessado em saber dos acontecimentos passados na Gruta de Angico naquela madrugada que marcou muito essa região, ainda vem muita gente de fora de outros lugares para conhecer o lugar onde acabaram com o homem mais famoso do sertão, porque ele foi famoso mesmo. Muita gente sabe contar muitas histórias de sua passagem por aqui, de alguns fatos verdadeiros que aconteceram.

Ao se referir à tragédia de Angico, Costa (1994, p.413), por ter convivido com a realidade de cangaceiros e coiteiros, afirma que é “um privilégio ter nascido e vivido ao lado de Angico; ter convivido com os que participaram da hora final de Lampião”. E

ainda acrescenta: “posso uma privilegiada felicidade de conhecer todas as versões dos fatos que se relacionam com o trágico dia”. Nesse comentário, o autor deixa claro seu sentimento de nordestino, de ser sertanejo. Tangido por uma preocupação de fidedignidade aos fatos contados, faz uma descrição pormenorizada, dentro do contexto local, dos acontecimentos ali enraizados, cristalizados, na memória coletiva dessa comunidade. Percebe-se a sua preocupação em transmitir uma cultura que possui uma riqueza peculiar. Faz também referências a madrugada de 28 de julho, uma quinta-feira, na fazenda Angico, onde o grupo de Lampião foi atacado pela volante comandada pelo então Tenente João Bezerra da Silva.

Dentro do quadro teórico-analítico desta investigação, verificamos com base nas histórias recontadas pelos sujeitos pesquisados que para a maioria dos habitantes das comunidades mais distantes, à época, sem acesso às informações escritas como as de jornais, por exemplo, as notícias concernentes a Lampião e seu bando chegavam de outra forma. Isto é, sabia-se das investidas desse cangaceiro por intermédio de conversas nas feiras de finais de semana, nas festas, com vizinhos e desconhecidos e no contato com soldados que tinham participado de diligências contra ele. Assim sendo, as informações corriam de boca em boca, tanto na cidade, como nos povoados e nas casas mais longínquas, escondidas nas regiões mais distantes, nas matas. Isso pode ser confirmado no fragmento a seguir:

(6) Quando acabaram com a vida de Lampião, eu ainda não tinha nem nascido. Mas eu conheço muita estória de sua vida dele [...]. Até essas histórias ainda se conta hoje. Os homens quando ficam ali na pracinha conversando lorota, aí lembram e falam daquele tempo de Lampião e de suas histórias. A história do rei do cangaço o povo nunca esquece. Eles ainda lembram porque essa história é contada por muita gente daqui ainda. O assunto pelas aventuras da majestade do cangaço anda por aí afora. Eu era ainda menina quando eu ouvia muita conversa de vizinhos com outras pessoas nas feiras dos sábados em Glória, pois a gente ia sempre pra feira aí ouvia o povo falando das diabruras de Lampião [...]. Meu pai contava que na casa de minha avó, aonde muita gente que vinha da roça se hospedava no sábado da feira lá na cidade, era um local aonde o povo se reunia e aí conversava muito sobre as histórias das estripulias de Lampião e se reunia para dar notícias do paradeiro dele. Então as notícias chegavam por intermédio das pessoas. Eu me lembro que meu pai e minha mãe sempre falavam daqueles sábados na cidade, daquelas lembranças!

No período do cangaço, era comum, após a refeição noturna, na frente da casa da fazenda, todos se reunirem para contar e recontar histórias consideradas *verdadeiras* sobre o bando de Lampião. Geralmente, histórias (re)contadas por pessoas mais idosas que tinham ouvido falar ou, até mesmo, participado de algumas das façanhas narradas. Para Halbwachs (1990), mesmo que o indivíduo não tenha assistido a certos acontecimentos, a não ser pelos jornais ou pelos depoimentos daqueles que deles participaram diretamente, ele se lembra deles, pois esses acontecimentos ocupam um lugar na memória discursiva do grupo social a que pertence. Como é o caso dessa informante que fala no seu depoimento: *quando acabaram com a vida de Lampião, eu ainda não tinha nem nascido. Mais eu conheço muitas histórias de sua vida*. Isso mostra que o enunciador, mesmo não tendo vivenciado ativamente à época de Lampião, sabe das histórias, das suas andanças, das suas ações. Para Koch e Cunha-Lima (2005), os conhecimentos representados na memória de longo prazo da vida social podem ser socialmente partilhados pelos membros de uma determinada cultura como conhecimentos individuais, oriundos de experiências ou vivências pessoais.

Memória social vista sob a perspectiva sociocognitiva

Para Koch (2002), a língua não existe fora dos sujeitos sociais que a falam, e fora dos acontecimentos discursivos nos quais eles intervêm e mobilizam seus saberes linguístico, social, cultural, histórico, cognitivo e interacional. No que concerne aos estudos da cognição, há muito tempo, os pesquisadores dessa temática têm se preocupado em distinguir o que é provisório e o que é permanente no funcionamento da memória.

Nas primeiras teorias do processamento cognitivo do discurso, por exemplo, era simplesmente assumido que os falantes da língua construíam uma representação mental do texto na memória episódica. Contudo, “a representação textual, que explica muito sobre a compreensão do discurso, não permitia tratar de uma dimensão tão fundamental da coerência como a correferência, nem mais genericamente das relações condicionais entre fatos” (VAN DIJK, 2004, p.160).

Em razão disso, e com o intuito de resolver não só essa questão, mas também uma série de outros problemas, a teoria cognitiva da linguagem e da compreensão ou produção do discurso introduz a noção de modelo mental, ou seja, “assume-se que adicionalmente à representação mental do texto, os usuários da língua constroem um modelo de situação sobre a qual o discurso versa” (VAN DIJK, 2004, p.161). Isso significa dizer que estudiosos da cognição sentiram a necessidade de essa teoria ser abordada também em uma perspectiva social, bem como apresentar alguns dos fenômenos que têm ocupado o centro dos estudos nessa perspectiva.

Para esse autor, os modelos são parcialmente fabricados a partir do conhecimento pessoal existente e, também, são o registro episódico de nossas vivências partilhadas com outros membros da sociedade. Experiências essas que podem ser diretas ou imediatas, como na participação de eventos ou ações ou como na interpretação do discurso em que são adquiridos conhecimentos sobre uma dada situação a partir de prévios eventos sociais. Isso se confirma, quando Koch (2002, p.44) afirma que “os modelos são, pois, estruturas complexas de conhecimento que representam as experiências que vivenciamos em sociedade e que servem de base aos processos conceituais”.

Em consonância com Van Dijk (2004), grande parte da memória social pode ser recuperada a partir de modelos já construídos e/ou reconstruídos em outras ocasiões sobre situações similares. Significa dizer que o processo de recordação envolve a recuperação de ações do passado ativadas por ocasião de episódios, eventos, também constituídos anteriormente. Os modelos mentais desempenham papel importante na construção não só de memória social, mas também na reatualização de velhos modelos. Como podemos ver, esse diálogo a respeito dessa abordagem tem se tornado possível, uma vez que têm surgido espaços de compreensão do processo cognitivo como fenômenos capazes de oferecer modelos de interação e, ao mesmo tempo, como fatos que acontecem na vida social do indivíduo ou da comunidade a que pertence.

A forma como o conhecimento de mundo é armazenado na mente do falante recebe, além do nome memória, outras denominações por parte dos pesquisadores que tomam a cognição humana como objeto de estudo: *modelos*, *esquemas*, *frames*, *cenários*, *scripts*, *modelos mentais*, *modelos episódicos ou de situação*. Esses modelos permitem aos sujeitos fazer uma série de inferências no curso do processamento textual, assim como

em várias situações de práticas sociodiscursiva. Por isso, podem ser caracterizados como “estruturas complexas de conhecimento que representam as experiências que vivenciamos em sociedade e servem de base aos processos conceituais” (KOCH, 2003, p.44). Modelos estes que representam o registro episódico de experiências pessoais compartilhadas com outros membros da sociedade, como na participação de eventos ou ações, ou como na interpretação do discurso em que são adquiridos conhecimentos sobre uma dada situação a partir de prévios eventos sociais (VAN DIJK, 2004).

É, portanto, na base desse conhecimento que está o reconhecimento do outro como ente interacional de uma mesma comunidade. Assim sendo, “os eventos linguísticos não são a reunião de vários atos individuais e independentes. São, ao contrário, uma atividade que se faz com os outros, conjuntamente” (KOCH; CUNHA-LIMA, 2005, p 283). Para isso, ativam-se modelos de situação, expectativas sobre estados de coisas que podem guiar o enunciador nesses processos de contar e recontar histórias, envolvendo o referente Lampião.

Os modelos de memória fornecem a base do conhecimento sociocultural de que se necessita para dar conta de fenômenos referenciais. Isso mostra que os modelos são relevantes tanto na compreensão como na produção ou reprodução de objetos de discurso (referentes, entidades), uma vez que eles permitem aos falantes construir interpretações específicas de um discurso qualquer, podendo, assim, haver posicionamentos, isto é, opiniões diferentes, pois, o que para um é importante pode não ser para outro(s). Na verdade, os seres humanos não só recordam, relembram o modelo e reproduzem informações derivadas dele, mas também constroem modelos dinâmicos em contínua mutação de contextos social, histórico, linguístico e cognitivo.

Depois de se ter atentado, de alguma forma, para a questão da memória social vista à luz de perspectivas histórica, cognitiva, cultural e social, achamos que seria pertinente, a partir das abordagens vistas, mostrar algumas análises de fragmentos extraídos de textos/discursos³ construídos pelos sujeitos constituintes do *corpus* desta pesquisa, que veiculam certo saberes sócio-histórico-cognitivos sobre acontecimentos vivenciados e/ou experimentados àquela época do cangaço e que ainda se fazem presentes na

³ Apesar da polissemia do termo *discurso*, aqui o tomamos como equivalente a *texto*, uma vez que desenvolvemos pesquisas na perspectiva da *textualização do discurso*. Daí o uso da expressão texto/discurso.

memória discursiva (e/ou social) das comunidades pesquisadas. Fatos estes que retratam a saga de Lampião. Esta rememoração mostra a capacidade que esses sujeitos atuantes têm na recategorização desses episódios alusivos a esse cangaceiro. Reelaboração esta que deve levar em consideração certas restrições impostas pelas condições culturais, sociais, interacionais, históricas e, finalmente, pelas condições de processamento decorrentes do uso de atividades linguageiras.

Levando em consideração a multiplicidade de contextos a qual imprime ao referente uma mutabilidade constitutiva, à medida que se constroem e se reconstroem os significados do discurso, vamos ver como a entidade, Lampião, a partir de pistas contextuais, é reelaborado e/ou mantido no modelo textual. Isso significa dizer que a recategorização desse referente se opera por meio de cadeias coesivas responsáveis pela progressão referencial do texto. Cadeias essas que se formam em torno do mito Lampião. Atentemos para os textos a seguir:

(7) Eu acredito que Lampião foi *um homem de justiça*. Agora eu acredito que quando começou essa vida dele de entrar no cangaço, Lampião teve seus motivos. Ele era *um jovem digno*. Lampião era *um homem novo, um rapazinho* que negociava com redes e outras coisas, até em Sergipe ele vendia. Quando ele chegava no Estado de Sergipe, ele se arranchava na fazenda do pai de Chico Meneses. *Um sujeito direito* tava ali.

(8) [...] por ele ser muito esperto nos combates, recebeu mais tarde o nome de Lampião, porque ele era realmente *um reflexo, uma luz* realmente [...]. Foi durante o tiroteio entre a polícia e os cangaceiros que foi observado o fato de que o rifle de Virgulino de tanto atirar, para dar saída para os cangaceiros [...], parecia um candeeiro ou lampião aceso e, é por isso, que resolveram dar a ele o apelido de Lampião [...] Para o povo do sertão, Lampião era *um espelho*, era *um estrategista*, como Antônio Conselheiro da guerra de Canudos. Para o povo sertanejo Lampião era e continua sendo *um grande guerrilheiro* [...].

O exemplo (7) mostra como essa entidade vai sendo recategorizado (renomeado) textualmente via o uso de expressões referenciais (sintagmas nominais), que são fundamentais para dar relevo a atributos que nomeiam Lampião como *um homem de justiça, um jovem digno, um homem novo, um rapazinho, um sujeito direito* que retomam o termo genérico *Lampião*, estabelecendo uma relação de correferencialidade, visto que essas formas linguísticas se referem ao mesmo referente (Lampião). Ao optar

pelos usos anafóricos do indefinido (*um rapazinho*), o falante (depoente), durante o processo de interação, não quis apenas atribuir predicções, mas também reativar, rememorar, alguns fatos que retratam a saga de Lampião, ou seja, a construção e veiculação de memórias a respeito desse objeto de discurso, entendidas à luz de uma articulação entre teorias sociais, históricas e linguísticas. Dessa forma, o sujeito enunciador, em interação com outros sujeitos, procede à ativação e à reativação dessa entidade por intermédio da mobilização desses sintagmas que funcionam como pontos discursivos de cristalização. Formas que desempenham uma série de funções cognitivo-discursivas muito relevantes na reelaboração da memória social e discursiva do cangaceiro.

As expressões nominais indefinidas (*um reflexo, uma luz, um grande guerrilheiro...*), em itálico, no texto (8), ao construírem imagens metafóricas (KOCH, 2002) para a recategorização do referente Lampião, realizam avaliações importantes que permitem novos direcionamentos de argumentação, de pontos de vista ou de interpretações. O emprego destas sequências referenciais (*um reflexo, uma luz, um espelho, um estrategista, um grande guerrilheiro*) evidencia a função anafórica que elas desempenham na renomeação discursivo-cognitiva desse mito. O que significa dizer que tais expressões contribuem decisivamente para a elaboração dos sentidos do texto, como já mencionado antes, indicando pontos de vista e assinalando direções argumentativas. O que nos parece uma carga avaliativa acerca desse personagem da nossa história e que se dá mais em função do emprego não só dessa cadeia referencial (8), mas também mediante outras cadeias. Portanto, o objeto de discurso é inferido pelo emprego de expressões com base no contexto prévio e/ou no contexto de uso, de modo que sua presença na memória discursiva do grupo social reforça a ideia de que a constituição da memória coletiva (social) pode ser produzida discursivamente.

Nas análises feitas, procuramos mostrar, relatar e descrever como os entrevistados procedem à recategorização do objeto-de-discurso por meio da mobilização ou utilização de expressões nominais com função anafórica. Expressões essas que funcionam como pontos discursivos de cristalização e fazem remissão a toda uma memória social (do cangaceiro Lampião) construída e reconstruída por esses sujeitos nas suas atividades de linguagem, contando e recontando histórias, dando origem assim a várias sequências referenciais responsáveis pela continuidade progressiva dessa

prática textual/discursiva. Cadeias essas que são decisivas para a memorização, a interpretação e a avaliação dos fatos presentes tanto na memória do falante como da comunidade com a qual interage, de modo que se vão atribuindo ao referente, durante suas práticas sociais e interacionais, caracteres e/ou predicções ancorados no universo discursivo e em modelos cognitivos. Dessa forma, é por intermédio dessas sequências coesivas, que operam como que uma memória compartilhada, *publicamente* alimentada (KOCH, 2003) pelo próprio discurso, que os sujeitos constroem e reconstroem discursivamente a figura mítica de Lampião.

Considerações finais

Os dados da análise que fizemos, envolvendo alguns processos referenciais, reforça a tese de que a (re)construção de um referente (entidade, objeto de discurso) implica levar-se em consideração vários e simultâneos processos sociocognitivos, tais como a inferenciação, o contexto social e local, a dinâmica interacional, entre outros. Durante a nossa pesquisa, foi possível observar que fatores de entrecruzamento da memória social descrevem discursivamente pontos de estabilização de cada expressão referencial (*um grande guerrilheiro, A história do rei do cangaço, o homem mais famoso do sertão...*) envolvida na atividade anafórica da entidade Lampião. Essas descrições colaboram com/ para o processo de memorização dos fatos experienciados, é um tipo de ato recorrente. Como evidenciado nos depoimentos, no Estado de Sergipe e, especificamente, na região do Alto Sertão, os acontecimentos ali referidos, por intermédio dos relatos dos sujeitos investigados sobre o fenômeno Lampião, vêm mantendo viva a chama da memória desse personagem mítico do sertão nordestino. Cognominado *O Rei do Cangaço*, já que se manteve em uma posição de domínio durante aproximadamente duas décadas. Domínio este que envolveu uma grande parte do nordeste brasileiro: para alguns, um domínio de justiça e, para outros, um reinado de terror. Essa intersecção nos é saliente porque permite, no interior de cada memória episódica evidenciada pelo falante, a elaboração de *objetos de discurso* cada vez mais precisos, mais dinâmicos, revelando índices de subjetividade encapsulados em cada um desses episódios.

São as próprias intersecções, transcritas no domínio de pontos de vista, que possibilitam a construção e reconstrução da memória social do mito Lampião via uso de complexas remissões referenciais amoldadas por anafóricos, dêiticos discursivos ou mesmo de memória. O cenário rural sertanejo atrelado à história desse mito contribui para a recategorização da figura do representante mais (re)conhecido do fenômeno cangaço. Centrando-nos, então, nessas estratégias referenciais, destacamos que as lembranças e/ou recordações de ações boas ou ruins presentes nos relatos sobre Lampião são o resultado da ativação e reativação da memória discursiva (e/ou social) de cada sujeito entrevistado. Tais recordações executam múltiplas funções, na medida em que podem contribuir tanto para a progressão referencial quanto para a recategorização e/ou predicação do objeto de discurso Lampião, remissões que apontam de forma antagônica ora para um cenário de sangue, ora para o de heroísmo.

REFERÊNCIAS

APOTHÉLOZ, D; REICHLER-BÉGUELIN, M-J. Construction de la référence et stratégies de designation. In: BERRENDONNER, A.; REICHLER-BÉGUELIN, M-J. (Org.). **Du syntagme nominal aux objets-discours**. Neuchâtsh: Université de Neuchâtsh, 1995, p.227-271.

BERGSON, H. **Matéria e memória**: ensaio sobre a relação do corpo com a mente. Tradução Paulo Neves – 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 1999.

CAVALCANTE, M. M. Expressões referenciais: uma proposta classificatória. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, n. 44, p.1-387, Jan./Jun. 2003. p.105-118.

CONTE, M. E. Encapsulamento anafórico. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.177- 190.

COSTA, A. A. **Lampião além da versão**: mentiras e mistérios de Angicos. Aracaju: Sociedade Editorial de Sergipe, 1994.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

KOCH, I. G. V. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Introdução à linguística textual**: trajetória e grandes temas. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. **Introdução à linguística: fundamentados epistemológicos**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

LIMA, G. O. S. **O Rei do Cangaço, O Governador do Sertão, O Bandido Ousado do Sertão, O Cangaceiro Malvado: processos referenciais na construção da memória discursiva sobre Lampião**. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem da Unicamp. Campinas, 2008.

MELLO, F. P. **Guerreiro do sol: violência e banditismo no nordeste do Brasil**. São Paulo: A Girafa, 2004.

MONDADA, L.; DUBOIS, D. Construção dos objetos e categorização: uma abordagem dos processos de referenciação. In: CAVALCANTE, M. M.; RODRIGUES, B. B.; CIULLA, A. (Org.). **Referenciação**. São Paulo: Contexto, 2003. p.17-52.

STERNBERG, R. J. **Psicologia Cognitiva**. Tradução Roberto Caltado Costa. 4. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008.

VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. Organização e apresentação de Ingedore G. Villaça Koch. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2004.

Recebido em 29 de maio de 2018

Aprovado em 18 de junho de 2018